

## **Papagaios ao espelho: imitação e invenção na vida individual contemporânea**

Rita Natálio

### **De Gabriel Tarde a Maurizio Lazzarato**

Nos finais do século XIX, Gabriel Tarde criou uma imagem singular para a relação que se estabelece entre uma imitação e uma invenção. Para Tarde, uma imitação seria como um rio e uma invenção como uma montanha<sup>1</sup>. O caudal de um rio pode aumentar e fluir de acordo com a força e a quantidade da imitação. O rio pode construir uma noção de continuidade entre dois ou mais fenômenos, é ele que materializa uma certa estabilidade ou segurança que nos permite aceder à realidade e re-conhecer o que nela é regular, é ele que nos oferece uma superfície para navegar sobre um plano conhecido – plano de reprodução, imitação, repetição. Já a invenção seria como uma montanha, acidente geográfico criado por uma iniciativa individual. Dentro de um caudal de imitações, a montanha seria uma variação inesperada, um comportamento impetuoso que saiu de uma lógica imitativa, uma ligeira e quase imperceptível esquiua que poderá ou não dar início a um novo rio. A montanha seria uma irrupção de desconhecido, uma variação imprevisível, indefinida e acidental – plano da diferença.

Nessa radiografia da paisagem, os rios de imitação (física e social) são intersectados por montanhas (as invenções) e não é possível determinar nem explicar porque uma epidemia de imitação se pode seguir a uma iniciativa individual, ou porque uma inundaçãõ de imitação pode ser interrompida por uma invenção. As relações entre ambos não são causais nem dialéticas, mas existem algumas regras de

---

<sup>1</sup> “Tout n’est socialement qu’inventions et imitations, et celles-ci sont des fleuves dont celles là sont les montagnes.” / “Socialmente tudo são invenções e imitações e estas são os rios, enquanto as outras são as montanhas.”, tradução livre do francês, Gabriel Tarde, *Lois de L’imitation*, Paris: Ink Book édition, 2013, ISBN 979-10-232-0452.0, posição 449.

complementaridade que regulam esta relação. *Leis da imitação*<sup>2</sup>, escrito em 1890, propõe uma paisagem psicossocial feita da dinâmica de circulação entre imitação e invenção que abarca e unifica o real em torno de um processo comum, o que Tarde chama de processo de *associação*. Esse *processo de associação* é o modo de construção de qualquer sociedade e pode abarcar vários níveis e escalas da realidade e nesse processo, imitações e invenções são ferramentas transversais e conectivas que ligam as diversas escalas: indivíduos sociais, células vivas ou átomos químicos.

Repetidamente, é comum nos textos deste sociólogo que exemplos do mundo social se misturem com exemplos do mundo físico. Para falar de invenção ou de imitação é preciso ficar atento ao comportamento repetitivo das ondas luminosas, aos percursos periódicos dos astros, aos modos como as formigas inventam os seus novos trajetos depois de ameaçadas por uma força exterior. Ou, no campo social, pesquisar a transmissão (também entendida como imitação) de línguas e modas, ou mesmo, para buscar exemplos mais contemporâneos do que os de Tarde, entender padrões da crise econômica mundial, estudar variações na mobilidade urbana das grandes cidades, relacioná-los com a alternância de cores das roupas de Dilma Rousseff, o número de posts publicados sobre Snowden, a lógica dos vídeos virais ou a ocorrência do tema “revolução tecnológica” em motores de busca. Tudo passa por um regime da circulação e ligação entre diferentes esferas do real, mais do que uma observação das capturas e das distinções entre cada lugar específico.

A procura de analogias reversas entre paisagem e comportamento humano, funda-se sobre um *princípio da invenção imitada* (da montanha surge o rio) e este princípio regula as sociedades animadas e inanimadas, une humanos e não-humanos, de maneira que todos os mundos são regulados pelo mesmo princípio de imitação de invenções isoladas. Segundo o *princípio da invenção imitada*, a imitação para Gabriel Tarde é entendida como uma invenção que proliferou, um movimento que liga mundos sem fazê-los convergir, cooperação fotossintética em que forças contrárias não são necessariamente desclassificadoras umas das outras. É uma sociologia que opera de forma múltipla, desde o nível físico, onde se produz biodiversidade a partir da reprodução continuada das espécies ou, no nível social, onde se criam grupos diferenciados, se cultivam diversos estilos e modos de vida, línguas, credos e

---

<sup>2</sup> *Lois de l'imitation* foi publicado em 1890. Ao longo deste texto, faremos citações do texto original em francês (publicação digital em formato Kindle) e de uma tradução portuguesa de 1980. Essa tradução, embora contenha alguns erros, permite que em casos excepcionais, possamos citar o texto diretamente em português.

instituições a partir de origens comuns. No plano geral, nada distingue uma sociedade humana de uma sociedade de células, ou de uma sociedade de astros, pois “sociedades são como organismos; entretanto, não há mais organismos, ou se organismos ainda há, é porque eles são como os astros e os átomos: sociedades” (TARDE, 2007, p.33).

Em 2002, mais de cem anos contados sobre a sociologia alargada de Gabriel Tarde, Mauricio Lazzarato dedica um livro inteiro à obra deste autor. Em *Puissances de l'invention*, Lazzarato escolhe uma passagem de *Leis da Imitação* e desenvolve-a como uma paisagem animada pela descoberta de leis sociais e psíquicas<sup>3</sup>. Onde Tarde usa a imagem da onda e do mar, Lazzarato subentende um *processo de subjetivação* contemporâneo. Uma onda é um pedaço de vida individual, uma *retenção* que ganha seu próprio movimento e desenha o caráter temporário do movimento do mar, expandindo-o ou multiplicando a sua agitação, enquanto o mar é o meio sem o qual nenhuma onda pode ser efetuada (embora para manter o seu movimento, este necessite da circulação entre ondas). Cada onda individual participa de uma rede de cooperação, o mar, que é na verdade uma comunidade de propagação e variação que gera o movimento, através de uma potência de repetição e de diferenciação (imitação e invenção). “A onda é o resultado da individualização dos movimentos do mar, espaço liso de cérebros associados”<sup>4</sup> (LAZZARATO, 2002, p.28).

Pensando a proposta de Tarde retrospectivamente, Lazzarato mostra-nos em *Puissances de l'invention*, como podemos entender mais facilmente a configuração reticular e dinâmica dos processos de subjetivação contemporâneos à luz das especulações de Tarde sobre a potência heurística dos conceitos de imitação e invenção dentro das ciências sociais (*Idem*, p.7), encontrando em Tarde a possibilidade de analisar os traços da sociedade capitalista atual através das *potências da invenção* que dão o título ao seu estudo. O mar (coletivo) descrito por Lazzarato a partir de Tarde, é meio de multiplicidade: plano onde se efetua a *cooperação* de ondas cerebrais individuais, cérebro social produtor de imitações/invenções, potência diferente do Um: multidão. Na multidão, a onda (indivíduo) é propulsora da agitação marítima, pura força propulsora que está sempre escapando ao escafandro das unidades. Esta dinâmica é

---

<sup>3</sup> “(...) os homens (...) têm uma tendência natural para se copiar; e, sem ter necessidade de se deslocar no sentido da propagação dos seus exemplos, eles agem continuamente uns sobre os outros, através de distâncias indefinidas, como as moléculas de água do mar que, sem se deslocarem no sentido das suas ondas, as enviam para longe na sua frente.” Tradução nossa.

<sup>4</sup> Tradução nossa.

anterior e posterior ao capitalismo e, por isso, Lazzarato lê Tarde à luz de uma *cooperação intercerebral*:

Com Tarde, podemos ler o capitalismo à luz de uma cooperação intercerebral e contornar os obstáculos colocados em frente aos nossos olhos pelos conceitos de Capital, Trabalho e Estado, como tantas outras atualizações de Um. Tarde soube reconhecer aí a multiplicidade (*Idem*, p. 29)<sup>5</sup>.

Com a proposta de Lazzarato, a noção de plena sujeição dos indivíduos a um sistema todo-poderoso torna-se limitada pela própria limitação da figura do sujeito no mundo social e por este pensamento sobre a multiplicidade. Como não podemos separar o ser da relação, para entender a vida individual na paisagem psicossocial e econômica é preciso termos presentes ritmos e fluxos de relações, vibrações e dobras cujas atualizações nesta ou naquela forma reconhecível possuem um caráter sempre transitório, imprevisto, aberto à diferença ou a uma potência de diferenciação. Para Lazzarato, esse é o único caminho possível para elaborar um pensamento dentro de um sistema econômico contemporâneo que investe justamente na captação e captura da capacidade de invenção e imitação das forças sociais e das suas redes de cooperação, desqualificando a potência destas forças que existe sempre antes e depois do poder que as captura.

De Tarde a Lazzarato, repetição e diferença traduzem-se em *força-imitação* e *força-invenção*, disponíveis para as mais variadas ações de *composição*. Os centros de atenção movem-se e prescindem-se do dualismo, a variação limite de uma imitação é uma invenção e vice versa. Toda a repetição comporta um caráter diferencial e uma diferença comporta um potencial de repetição. Os pontos de vista multiplicam-se e possibilitam a emergência de uma discussão ética mais exigente.

Por outro lado, a partir justamente da variação entre ambas as forças pressupõe-se uma relação de cooperação “cinética” entre *força-imitação* e *força-invenção*. Na obra de Tarde, em primeiro lugar, a imitação prende-se com uma noção de *crescimento* e de *avidez*, ela procura sempre o seu limite. Sua ambição é o contágio, a epidemia, a *difusão* de invenções ou, em última instância, a vontade do pensamento único – a universalidade. Nas palavras de Tarde, poderíamos sofrer, como sofrem os nossos corpos de vírus, de epidemias de penitência, de luxo, de jogo, de especulações da bolsa, de hegelianismo ou darwinismo pois “o que quer a coisa social, antes de mais, como a coisa vital, é propagar-se” (TARDE, 2007, p.99). O que nos liga sempre é o contágio imitativo entre cérebros, o desvio de uma força inventiva que é seguido por muitos e

---

<sup>5</sup> Tradução nossa

que liga a singularidade ao coletivo, a singularidade à generalidade e tudo isso é definição do próprio conceito de sociedade. Como movimento gera mais movimento e essa relação é sempre exponencial, trata-se de um processo cumulativo que funda noções compartilhadas de cultura, produção, estética, sensibilidade, educação, política, etc. É impossível reverter o movimento deste enlace, mesmo quando abalado por uma renovação política ou um decrescimento. Trata-se de um *crescimento ilimitado* da repetição, alerta Tarde, pois é a repetição que engendra o social e “sociedade não é senão imitatividade” (TARDE, 1980, p. 95).

Com o crescimento ávido da imitação inerente ao processo social, chegamos a uma questão importante que diz respeito ao risco da universalidade e da uniformização causada por esta expansão ilimitada da imitação que poderia capturar ou estagnar a potência de invenção, isto é, o poder de diferenciar. Este é ponto principal que queríamos chegar, pois é como se a linguagem tardiana fosse visionária em relação ao fenômeno contemporâneo da globalização que massifica os comportamentos e nos obriga hoje a repensar toda a economia política. Poderíamos supor que esse perigo da uniformização se manifesta, e hoje de forma ainda mais radicalmente explícita, pela rede mundial de contágios de informação que é a internet. Aliás, isso não é uma sensação de agora pois curiosamente, numa definição arcaica do que poderia ser o funcionamento da internet, Tarde já previa que o crescimento da imitação poderia instalar-se de forma tão acelerada na vida urbana que “a transmissão a todos os cérebros da cidade de uma ideia nova aparecida em qualquer lugar no de um deles estaria em todos instantaneamente.” (*Idem*, p. 95). E em outro momento, o autor apresenta-nos também uma definição rudimentar do que poderia ser o efeito de globalização:

(...) é visível nas nossas sociedades europeias em que os progressos extraordinários das modas sob todas as formas (da moda aplicada às roupas, aos alimentos, às habitações, às necessidades, às ideias, às instituições, às artes) estão em vias de fazer da Europa a edição de um homem com tiragens de centenas de milhares de exemplares (*Idem*, p. 36).

Não se trata de uma previsão assustada ou temerosa do futuro, embora fosse uma tomada de consciência em relação a um problema específico (ecológico) dos limites para a expansão social da imitatividade. Afinal, Tarde escrevia nas vésperas de uma verdadeira revolução da aceleração da repetição. Nos finais do século XIX vivia-se uma uniformização das práticas produtivas (as denominadas Primeira e Segunda Revolução Industrial) que em breve seria atingida pela reprodutibilidade técnica da imagem que veio alterar profundamente o valor de culto, o estatuto de raridade, a criatividade e o

valor do segredo. É como se Tarde antecipasse esse primeiro movimento de aceleração das trocas, do desenvolvimento desterritorializante do capitalismo e da inovação técnica deste período que conduziam à possibilidade de cada elemento da sociedade imitar muito mais fácil e rapidamente.

Hoje, aproximando-nos do vaticínio de Tarde sobre a repetição exponencial, vivemos numa estrutura de organização das trocas, da produção e da comunicação mundial que pretende abranger e regular o espaço terrestre de uma forma global. Dentro desse quadro, a globalização nos indica também um desenvolvimento cada vez mais acentuado dos processos imitativos individuais. Hoje, imitações e invenções parecem partilhar lugares ou funções comuns ou mesmo trocar de lugar. Vidas misturam-se na imitação voraz de modelos, modas e modos de vida, ao mesmo tempo que se lançam em invenções ou usos inesperados desses modelos através das redes sociais, da experimentação de multi-pan-eco-sexualidades virais, da multiplicação dos consumos, de novas alianças biopolíticas, da reprodução artificial, da subversão dos gêneros e dos tipos, do uso de todo tipo de drogas do regime farmacopornográfico, etc. Nesse jogo de funções, imitação e invenção co-operam ao nível infinitesimal, elas podem ser percebidas como matéria vital de um movimento cada vez mais integrado do capitalismo e dos afetos, mas também operam paradoxais saltos quânticos na reconfiguração das forças, das máquinas, dos corpos e das identidades contemporâneas. Os lugares de ambas são de tal maneira indistintos que no consumo a capacidade de imitação pode funcionar paradoxalmente como uma mais-valia na construção de um valor diferencial dos indivíduos (por ex. conferindo aquele que imita a construção de um caráter, de originalidade ou de pertencimento a um determinado tipo), enquanto no campo da tecnologia a capacidade de invenção pode ser facilmente manipulada dentro um quadro de oportunidades já produzidas, não se diferenciando muito de uma imitação.

Interessa-nos pois este rumo cada vez mais indistinto destas duas forças e a sua relação com a estrutura das relações produtivas, mas também um interesse específico pelo que sustenta o crescimento viral da imitação, *avidez* que segundo Tarde tende a expandir e a dilatar as imitações, hoje sobretudo com o recurso às redes sociotécnicas que se fusionaram com os corpos contemporâneos. De uma maneira geral, a mais impressionante manifestação deste fenômeno, é o uso do nome “viral” para a difusão em larguíssima escala de ideias, opiniões ou práticas sociais, muitas delas incentivadas

por empresas como o Facebook que apelam a uma promoção viral de conteúdos dos perfis sociais em troca do pagamento de uma soma de dinheiro.

No entanto, mesmo andando a passos ritmados com o capitalismo, esse movimento viral da imitação, parece também instaurar um devir-repetidor ilimitado que resiste à simplificação do capital e que progressivamente quebra o fundamento das identidades, do sujeito como centro do conhecimento e da sociedade, dos direitos autorais, e inclusivamente penetra o código genético único que cada ser possuía até há bem pouco tempo para lançar as individualidades num território esquizo, cuja cartografia ainda desconhecemos. Que pensar então desta *força-imitação* massificada e expandida pelo globo?

### **Papagaios ao espelho**

Comecei a chamar de *papagaios ao espelho* ao modo como a vida individual contemporânea se mistura atualmente numa rede de viralidade processual e coletiva em que milhões de cérebros participam e podem ser afetados por uma mesma ideia ou imagem, promover sua distribuição e compartilhamento, assim como organizar um movimento de opinião ou de reflexão, sem por isso precisarem encontrar-se fisicamente ou separar a sua ideia individual de outra ideia individual. Gabriel Tarde ficaria talvez surpreendido com a extrema adequação das suas teorias sobre a propagação exponencial da imitação e sobre a avidez, olhando a replicação da população mundial, a proliferação de combinações genéticas para novos organismos geneticamente modificados, as mobilizações sociais mundiais convocadas de forma quase instantânea pelas redes, o *hacking*, a biopirataria, a propagação viral da informação entre cérebros conectados por redes sociais através de *smartphones*, *notebooks*, *ipads* e todo gênero de *apps*, o movimento *queer* e transgênero, a inseminação artificial, a reinvenção hormonal de si, etc.

Mais do que uma reinvenção não-sobrenatural de uma espécie de telepatia, a imitação “viral” por via de redes sociotécnicas extensas é hoje a efetivação de um modo de comunicação planetário que de certa maneira altera a base do pensamento tardiano, ainda marcados por uma certa raridade nos processos. Na possibilidade de estarmos conectados diariamente a outros cérebros, as nossas vidas individuais podem retroalimentar-se da propagação viral (e vital) de imagens e signos. Ninguém sabe ao certo o que podem estas novas redes intersubjetivas e como elas se diferenciam das

redes sociais mais antigas praticadas pela circulação geográfica de objetos, mercadorias, etnias e narrativas. A conexão aberta entre os cérebros e a sua possibilidade de cooperação precisa ser considerada em termos de potencial e não pode ser desligada do sistema capitalista em que está inserida, pois o capitalismo faz coincidir máquinas sociais e técnicas, onde a sua “axiomática nunca é por si mesma uma simples máquina técnica, ainda que automática ou cibernética” (DELEUZE & GUATTARI, 1997 , p. 262).

Imaginemos então os indivíduos contemporâneos das sociedades pós-industriais como *papagaios ao espelho e em rede*. Quando o espelho e o papagaio se misturam, a invenção e imitação se comprazem em suas tendências mistas. No espelho não existe um único reflexo, como se encantaria o gosto tradicional, mas um jogo de espelhos, proliferação dos simulacros como temia Platão. E no papagaio, existe mais do que o mero mimetizador mas lei global do antropófago. Pela repetição, imitação e redistribuição de imagens, signos e códigos, estes *papagaios ao espelho* pretendem instigar seus territórios existenciais, mesmo que de forma temporária. Pela imitação e pelo contágio delimitam as suas redes de afetos. Assim vistas, a repetição e a imitação são ferramentas de sobrevivência da rede, o Eu-papagaio replica para poder atingir como na linguagem de Simondon uma meta-estabilidade, ver-se ao espelho e encontrar no espelho uma definição ou um amor irreversível como Narciso e a partir daí reinventar-se. Em frente ao espelho, de um ciberespelho, o papagaio encontra a *mise-en-abîme*, um sem fundo inesgotável, onde o crescimento das suas repetições se desdobra num caos de reflexos e possíveis. A pergunta retorna: mas o que é afinal um indivíduo? Um papagaio em rede, uma composição diferencial de imitações, tendências de mercado, herança cultural, apropriação de imagens ou conteúdos das redes, roubo, plágio, seguidismo, estatísticas do Facebook, estatísticas de eleições, profissão, gênero, hormônios, paracetamol, títulos bancários, dildos, masturbação, e tudo aqui que ele não é, não foi, poderia ser, será. A questão é portanto tardiana embora ultrapasse o seu âmbito histórico.

Façamos então o exercício de imaginar uma vida individual entregue à *variação* em rede das suas imitações e invenções (em redes físicas, sociais ou cibernéticas) e na qual, ao mesmo tempo, se espelha a organização contemporânea das forças produtivas, movida por um certo funcionamento do trabalho imaterial e pelo investimento específico de capital nessa *variação*. Tanto podemos julgar esta produção de subjetividade a partir da captura capitalista (da captura de redes de inteligência coletiva,

por exemplo) como a partir da invenção de novas potências e resistências, mas talvez isso seja o menos importante, já que um julgamento não implicado deslizaria para uma avaliação moral, em vez de liberá-lo para um exercício implicado de ética. A noção de singularidade que tateamos até aqui, não é nem totalmente livre nem totalmente condicionada, e soma-se que ela precisa de se colocar em risco para poder autoinventar-se, o que equivale a dizer que uma certa experiência de dissolução do que é *ser-se um sujeito* – pelo menos na sua definição moderna enquanto centro gravítico da ação – se põe em marcha.

Falamos de um crescimento ávido da imitação e de uma vida hiper-veloz segundo as regras tardianas. Os *papagaios ao espelho* que procuramos descrever aqui precisam exprimir-se por velozes micro-invenções e micro-imitações, vampirizam vozes, ideias e produtos à imagem da grande máquina capitalista que retroalimentam, vivem imersos dentro de extensas redes de afetos e de informação das quais quase não se separam, como um grande sono fusional. Mas dentro dessas redes, fabricam por vezes modos de vida singulares, alguns paradoxais, alguns pujantes, outros frágeis e temporários, e com todos estes fragmentos produzem reorganizações de pessoas e de informações, seletivas coleções de amigos, de fotografias, de textos, arquivos onde se misturam obras de arte, filmes e fotografias de diferentes tempos históricos e geografias, novas modalidades de produção artística, novas experiências de família, de relações amorosas, de encontros, etc. Estas vidas, na verdade, não são apenas pujantes em *variação*, elas compõem e propõem modos menos individualizados de agir e de pensar, elas integram as suas imitações e invenções numa estratégia mais distributiva do poder e da responsabilidade, elas aguentam conviver com informações e experiências díspares, elas produzem o seu próprio trabalho, as suas próprias comunidades de contágio que podem fazer (ou não) da sua experiência singular a criação de uma resistência a um poder instituído.

É por isso que por todo o lado encontramos matéria para falar de imitação ávida, mas em lado nenhum podemos avaliá-la certamente. Os pontos de referência parecem ausentes e a velocidade com que surgem opiniões, coletivos e modos de vida é extraordinária, pode mesmo anular a importância deste texto ao mesmo tempo em que ela é produzida. Os nossos *papagaios ao espelho* podem ao mesmo tempo colecionar perucas africanas, comunicar com bolivianos sobre a nova constituição da Pacha Mama, adorar David Bowie e Jesus Cristo, imitar e juntar pedaços de filmes da Nouvelle Vague que se tornam virais no YouTube, assinar petições contra o estupro de mulheres na

Índia, reciclar o seu próprio lixo, dormir de dia e viver de noite, copiar homens, mulheres e outros sexos, visitar Dominatrix, reuniões do MST ou bancos de esperma e ainda escrever sobre Gabriel Tarde e aparar as barbas do Marx, sem medo da incoerência das correntes de imitação que seguem ou das invenções que muitas vezes, involuntariamente, produzem. Um dia, dão por si, e criaram o Google ou um novo tipo de sexualidade, ou tornaram-se internet *stars*. Um dia, são atravessados por ligeiras diferenças no seu olhar ou inventam alguma ferramenta decisiva para agir sobre um determinado problema político, o que não teria sido possível sem uma profusa combinação das suas imitações virais. Da mesma maneira que estas vidas podem estar fusionadas em redes sociais como o Facebook ou o LinkedIn - “o mediatizado é uma subjetividade que, paradoxalmente, não é nem ativa nem passiva, mas constantemente absorvida em atenção” (HARDT & NEGRI, 2014, p.29) - o ponto de referência para a sua variação está de fato ausente e por isso resta-lhes enfrentar eventuais saltos quânticos que possam ser produzidos na sua subjetividade. Um dia, quem sabe, atingem o limite da sua velocidade ou da velocidade das redes neurais de informação de que participam.

Neste processo, dificilmente podemos explicar como as imitações se tornam invenções, ou como se inventam novos modos de luta ou novas formas de sociabilidade. São corpos atravessados a todo o momento por linhas de força opostas no sentido do automatismo ou da liberação. O processo de individuação é microscópico, invisível à lente da causalidade e da finalidade e nenhuma das forças (imitação ou invenção) possui exatamente um privilégio. Mas é preciso também contar com o fato, de que as experimentações de cada indivíduo ou coletivo são oferecidas por um mercado de experiências pré-formatado e só dentro desse mercado, essas vidas podem colocar-se em risco e ir além do virtuosismo das combinações que esse mesmo mercado proporciona, para que algo se invente de fato. Assim sendo, ao invés de nos entregarmos a uma avaliação é preciso entendermos que hoje nos encontramos “diante de uma nova situação: as individualidades e as coletividades não são mais o ponto de partida, mas o ponto de chegada de um processo aberto, imprevisível, arriscado, que deve ao mesmo tempo criar e inventar essas mesmas individualidades e coletividades” (LAZZARATTO, 2006, p.28).

Nesse enredamento será sempre difícil separar o tema desta dissertação de uma reflexão intrínseca sobre cibercultura e tecnologia, embora tenhamos tentado seguir até aqui um caminho autônomo desta temática. Sendo assim, perguntamo-nos: o que

significa ao certo colocar-se em risco para permitir algum tipo de invenção? Não temos respostas certas mas talvez a ideia de correr riscos possa significar um mergulho neste paroxismo entre os limites reais do corpo físico e a ausência de limites do corpo social das redes, e também permitir que a *força-imitação* (de cada indivíduo, comunidade, organização) se torne contagiosa, desmantelando a falsa dicotomia entre o autômato e o gênio, entre a força individual e a força coletiva, permitindo a emergência da multidão. Trata-se sobretudo de quebrar o feitiço que distribuiu, por tanto tempo, privilégios despóticos à *força-invenção* que garante a integridade das unidades sociais – indivíduo, autor, criador, líder, etc – que marcam e acentuam o tempo histórico com a sua suposta originalidade e audácia. É preciso assumir que talvez a subjetividade já esteja em risco quando se instaura efetivamente um *devir-repetidor*, um humano que varia louco e sem finalidade, que ultrapassa os limites do corpo físico. Risco de auto-destruição como lembra Bifo<sup>6</sup> (BIFO, 2010) mas também o risco de produzir algo novo: superação das forças que constroem os indivíduos, configuração de uma sociedade pós-individual.

Só então, a partir desse exercício de desapego individualista e de uma modalização impessoal da subjetividade auxiliada por redes de imitação e invenção extensas seria possível sugerir e imaginar uma outra forma de pensar e estar juntos, talvez uma forma mais “coral” de estar onde “a comunicação e a expressão de singularidades em redes não são individuais, mas corais, sendo sempre operativas, vinculadas a uma ação, fazendo a nós mesmos e, ao mesmo tempo, estando juntos” (HARDT & NEGRI, 2014, p.57). Ainda assim, conquistar este estar juntos que configura potencialmente outros afetos e sociabilidades não nos dispensa de um problema que vimos apontando desde o começo e que ainda estamos longe de resolver: que o aumento dos fluxos de imitação viral (*papagaios ao espelho*) e a instauração de uma *força-variação*, nos colocam frente a frente com o risco de uma uniformização planetária já preconizada por Tarde, onde se produz uma estagnação da potência. Na estagnação global, a imitação é reconduzida em círculos ou navegações sem horizonte, ela não produz diferença, como vemos nos efeitos miméticos de que sofremos quando nos vemos reféns das mesmas condutas sociais (Facebook), das mesmas roupas (H&M), das mesmas músicas (Spotify), das mesmas *urban trends*, dos mesmos pânicos

---

<sup>6</sup> “O ciberespaço sobrecarrega o cibertempo, porque o ciberespaço é uma esfera ilimitada cuja velocidade pode acelerar sem limites, enquanto o cibertempo (o tempo orgânico da atenção, a memória, a imaginação) só pode ser configurado até um determinado ponto sob pena de rebentar”. Tradução nossa.

securitários, das mesmas aplicações financeiras, etc. Como pode enfim esta reflexão sobre imitação e invenção auxiliar-nos para pensar a produção de subjetividade contemporânea e os seus limites entre a uniformização e a reinvenção de si? Como acolher a *força-imitação* e a *força-invenção* como potências criadoras comuns, extra-individuais e multitudinárias? Como fazer da viralidade imitativa uma força?

### **Entre a servidão maquínica e a sujeição social**

Em *Signos, máquinas, subjetividades*, uma das mais recentes produções de Maurizio Lazzarato, este afirmava que “com a desterritorialização neoliberal, não surgiu nenhuma nova produção de subjetividade” (LAZZARATO, 2014, p.14). Com efeito, o autor reconhece que a realização do projeto neoliberal leva às últimas consequências a sua paradoxal e acelerada natureza de uniformização e heterogeneização dos comportamentos humanos, o que soterra a possibilidade de produzir uma subjetividade de acordo com a produção hiper-veloz de fluxos de desterritorialização e reterritorialização, nomeadamente pelo recurso às novas modalidades de trabalho imaterial.

*Signos, máquinas, subjetividades* foi publicado em 2010 e embora esteja já distante de *Puissances de l'invention* onde Gabriel Tarde era o foco, está mais atento e consciente dos efeitos da hiper-conectividade que se expressam de forma constante e enraizada desde os anos 90 e de como esta hiper-conectividade incorpora o projeto tentacular neoliberal. A sua análise da estrutura capitalista contemporânea enlaçada em *sprints* de inovação tecnológica e na aceleração das relações entre humanos, e entre humanos e não-humanos, andam lado a lado com a nossa análise da expansão global da *força-imitação* e da *força-invenção* como centros de ação biopolítica transversais aos vários níveis sociais (micropolitico e macropolítico, molar e molecular, etc).

Para dar conta desse problema da ausência da produção de uma subjetividade de acordo com a realidade capitalista, Lazzarato recorre à terminologia de Deleuze & Guattari e particularmente à distinção estabelecida em *Mil Platôs* entre sujeição social (*assujétissement social*) e servidão maquínica (*asservissement machinique*), em que a primeira corresponderia a um tipo de assujeitamento dos indivíduos a partir de funções ou papéis sociais dentro de convenções ou clichês de funcionamento, e a segunda a um tipo de servidão funcional dos indivíduos no interior da maquinaria social (não-verbal e não-humana) em que “os próprios homens são peças constituintes de uma máquina, que

eles compõem entre si e com outras coisas (animais, ferramentas), sob o controle e a direção de uma unidade superior” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p.127).

De uma maneira geral, a sujeição social atribui papéis sociais aos sujeitos e transforma-os em unidades conscientes que permitem fazer funcionar as máquinas: mulher, lésbica, desempregada, mãe, etc. Já a servidão maquínica dilui os indivíduos no interior das máquinas, mistura humanos e máquinas, humanos e não-humanos. Essa distinção torna-se fundamental pela visão do sujeito que ela promove, estabelecendo uma diferença crucial entre um tipo de sujeição social através de componentes psicológicas e psíquicas internas através das quais os indivíduos são inteiramente constituídos (fluxos de subjetivação) e um tipo de servidão não individual mas *dividual*<sup>7</sup> dos seres por meio de maquinismos que fazem parte das vidas e dos seus equipamentos expressivos, como uma espécie de *capital social constante* (LAZZARATO, 2014, p.17) que atomiza e dismantela a função-sujeito (fluxos de dessubjetivação).

Para Lazzarato, as teorias críticas contemporâneas, de Rancière a Badiou, e sobretudo as teorias do capitalismo cognitivo, não levam em conta esta distinção e sobretudo a operacionalidade da servidão maquínica como descrita por Deleuze & Guattari, o que impede uma visão mais ampla sobre os modos especificamente maquínicos do capitalismo, isto é, sobre o seu viés de construção de máquinas abstratas desterritorializadas (como o dinheiro) que são independentes dos mecanismos de sujeição social e conseguem mesmo criar um novo tipo de animismo, onde natureza e cultura, sujeitos e objetos são ligados por continuidades anômalas. Isto leva a uma situação paradoxal em que, segundo Lazzarato,

O capitalismo produz convulsões, impulsos indiscriminados e concomitantes para um mundo pós-humano, e recuos espetaculares em direção ao homem. Ele avança para um “além do homem” e é obrigado a se reterritorializar naquilo que é mais mesquinho, mais vulgar, mais covardemente “humano” (racismo, machismo, exploração, guerra) (LAZZARATO, 2014, p.109).

É como se o capitalismo demonstrasse na sua velocidade maquínica e amoral uma potência pós-humana que, pela falta de projeto e de uma produção de subjetividade à altura, é tolhida por um poder “demasiado humano” de sujeição social, por um aprisionamento a papéis determinados onde se fixam e enrijecem os sujeitos, atrelando-os a um plano macropolítico superior e a uma *psicologia rudimentar* composta de eus, sujeitos, pessoas, etc. O capitalismo funciona assim como uma máquina encantadora

---

<sup>7</sup> Termo usado por Deleuze em “Post-scriptum Sobre as Sociedades de Controle” In: *L'Autre Journal*, nº1, Maio de 1990.

onde se realiza uma *captura mágica*<sup>8</sup>: natureza e cultura, sujeito e máquina, são ligados por uma continuidade anímica (servidão maquínica) e, paradoxalmente, o capitalismo é também a força que destrói as crenças e as estruturas populares da crença, as cosmogonias, promovendo visões objetivas do mundo e substituindo um leque de figuras subjetivas de dominação por outras (do operário ao “mediatizado”, do pai de família ao “securitizado”), de modo a sustentar o seu governo de desigualdades. Essa relação não é apenas uma relação anímica, mas explicita o que Deleuze & Guattari buscaram analisar quando descreveram o capitalismo como um *campo de imanência* que continuamente abre os seus limites externos (desterritorialização) ao mesmo tempo que precisa absorver ou preencher-se rapidamente com axiomáticas de reterritorialização, processo voraz onde se ligam todas as máquinas – econômica, social e não humana. Aí, o capitalismo torna-se, como afirma Stengers, agente de feitiçaria, e na feitiçaria operam as mãos duplas.

Trazemos esta discussão para o campo específico que procuramos descrever da relação entre imitação e invenção, pois estes diferentes níveis de relação com o assujeitamento que escapam à linguagem e podem mesmo operar por dessubjetivação, precisam ser tidos em conta quando falamos de propagação de *força-imitação* ao nível planetário e rizomático. Precisamos considerar que ao re-distribuir os valores atribuídos à imitação e à invenção e ao analisar a globalização cultural como progressão numérica e extensiva da *força-imitação*, encontramos uma tendência clara para o desaparecimento de uma individualidade específica, normalizada por padrões sociais e psicológicos, mesmo quando esses padrões são o pretexto para despertar um movimento viral de imitação. Por outras palavras, a capacidade de *sujeição social* a papéis rígidos e específicos torna-se menos evidente perante a força de desterritorialização da *força-variação*, ainda que não desapareçam os constrangimentos para a normalização e padronização subjetivas que reterritorializam as identidades.

Para além disso, como vimos, a *força-imitação* viral parece ser inseparável de redes cibernéticas que proporcionam a comunicação à distância e um engajamento fusional dos indivíduos nessas redes, o que tem como consequência dismantelar a força constituinte e indivisível dos sujeitos para misturá-los nas redes. É como se já não fosse possível dizer até que ponto a *força-imitação* é originada na rede ou nos usuários que

---

<sup>8</sup> Terminologia de *Mil Platôs*.

*animam* essas redes e, nessa impossibilidade, a noção de *servidão maquínica* torna-se útil para dar conta desse movimento apresentando-nos “um mundo maquinocêntrico no qual se fala, se comunica e se age ‘assistido’ por todos os tipos de máquinas mecânicas, termodinâmicas, cibernéticas e de computação” (LAZZARATO, 2014, p.31). Essa mão dupla permite-nos entender melhor a criação de viralidades imitativas dentro deste mergulho profundo dos corpos nas redes cibernéticas, mergulho que nos últimos 30 anos permite a circulação em tempo real de sinais, mensagens onde se encontram codificadas as identidades, os desejos, os afetos, a fala, os sentidos, os sentimentos, etc. A servidão maquínica opera por desterritorialização e dessubjetivação, ela retira a carga excessiva dos indivíduos, joga seus dados e signos numa vida anímica de homens-máquinas, flexibiliza os padrões de sujeição social em troca da modulação de informação, ao mesmo tempo que pode atrelar a vida a comandos simplistas onde se reconduzem as identidades a papéis ainda mais fixos, de novo por via da sujeição social.

Sendo um processo maquínico e um dispositivo de servidão, ele pode no entanto ser a alavanca para uma ação revolucionária sem precedentes, onde não há mais lugar para o sujeito, mas uma “oportunidade para produzir algo diferente do individualismo paranóico, produtivista e consumista” (LAZZARATO, 2014, p.37), uma alavanca para escapar das figuras subjetivas de sujeição que o capitalismo tende a engendrar para garantir longa vida no seu reinado. A pergunta então repete-se: como produzir uma nova subjetividade dentro deste contexto da imitação viral, onde se corre um verdadeiro risco de uniformização planetária? As respostas não são óbvias mas elas surgem primeiro como respostas processuais.

Em primeiro lugar, precisamos operar uma mudança de percepção. Entender a possibilidade de formar um vetor de subjetivação novo no caso, entre imitação e singularidade, que nada tem a ver com criar uma nova forma de representação. Perceber a imitação como ato de criação ou possível liberação de forças previamente castradoras, pode operar como um fundamento existencial que está para além da linguagem e da significação e que nos permite entender os fenômenos de extensão viral por imitação a partir de novas perspectivas.

Em segundo lugar, na busca de uma certa relativização das forças individuais. A *força-imitação* planetária torna-se constituinte de um comum que liga as vidas e que nos devolve um esclarecimento sobre a produção de subjetividade atual, nomeadamente a respeito da configuração de novas lutas e resistências políticas. Para isso, basta pensarmos nas manifestações que se têm espalhado da Turquia a Wall Street, do Brasil

a Espanha e da constituição da “multidão” como imagem da força política contemporânea, força comum das singularidades em rede. O comum, ou o “tornar comum” é verdadeiramente uma figura da *força-imitação* expandida, da constituição e do reconhecimento de um comum planetário, pelo qual se pode planejar e gerir o acesso e a fruição de bens comuns como água, inteligência, afeto, comunicação, etc.

Em terceiro lugar, na diminuição da perspectiva antropológica e humanista do mundo, de modo a que os dispositivos de servidão maquínica que desterritorializam o sujeito possam ser “liberados” para novos processos de subjetivação (e não para um diagnóstico de destruição ou falha de um processo). Os humanos, fusionados com as suas redes de não-humanos, imitam em série, sem olhar ao seu contorno individual, e podem enfim propagar sua vitalidade.

Voltemos então ao problema que Lazzarato levantava sobre a ausência de uma produção de subjetividade ligada ao projeto neoliberal. O capitalismo neoliberal toma de assalto as capacidades genéricas do humano, particularmente na forma como elas são descodificadas e alargadas em redes cibernéticas, e faz delas a *essência subjetiva da riqueza abstrata* (DELEUZE & GUATTARI, 1966, p.270), riqueza que precisa ser produzida sem fim para o desenvolvimento da produtividade. Porém, como vimos, as redes de viralidade em que se conectam os cérebros por fluxos imitativos, estão muito além da mera produção de mais valia ou de uma uniformização, para além de escaparem à linguagem por via de sua natureza essencialmente maquínica. Tanto assim é que no caso de um qualquer episódio viral (como a difusão massiva de uma mensagem sobre um ataque terrorista por via de redes sociais, por exemplo), temos a sensação que se gera um certo descontrolo (informacional), onde todos e ninguém são responsáveis e onde se está além da mera farsa coletiva produzida mediaticamente por instâncias superiores de sujeição social.

Professor: Ah! Você está querendo me dizer (novamente) que é deus e que pretende escapar da prisão do mundo?

Menino: Não. eu estou querendo te dizer que eu sou ninguém e que, talvez, o ninguém seja o homem (PESSANHA, 2009, p.89).

Assim, o problema não reside tanto em não haver produção de subjetividade ou numa crise contemporânea de produção de subjetividade, como avançava Lazzarato, mas sim em encontrar brechas por onde se possa liberar esse “imponderável” da economia subjetiva contemporânea que está contido nos dispositivos de servidão maquínica. Por um lado, reconhecer que se vive hoje uma profunda desterritorialização

e esmaecimento do sujeito e que o problema surge quando essa desterritorialização é rapidamente cativada para rápidas reterritorializações pelo incentivo a identidades rudimentares ou pelo abuso de competências humanas genéricas, como o resgate da capacidade de escrita ou fala para rápidas aplicações de *força-imitação* automatizada, o hiper-individualismo ou a defesa de códigos morais e territoriais arcaicos. Por outro lado, é preciso admitir que essa desterritorialização tem igualmente a capacidade de liberar as forças individuais para uma ação impessoal, trans-territorial e viral, e nesse ponto talvez nunca tenhamos vivido essa possibilidade tão clara e real de potencialização da dessubjetivação no campo político, social e cibernético. Como diziam Deleuze & Guattari já em *Anti-Édipo*, “oscila-se entre as sobrecargas paranóicas reacionárias e as cargas subterrâneas, esquizofrênicas e revolucionárias” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p.271). Assim, é nossa tarefa fazer do enfraquecimento da função-sujeito e da fortalecimento da imitação viral planetária, uma liberação das forças do imponderável.

**Rita Natálio** é artista e pesquisadora portuguesa residente em São Paulo desde 2012. Mestre em Psicologia Clínica (Núcleo da Subjetividade) da PUC-SP orientada por Prof.Dr Peter Pál Pelbart e graduada em Artes do Espectáculo Coreográfico na Universidade Paris VIII. Trabalha regularmente com crítica de arte, performance e poesia. O seu último projeto de criação “Museu Encantador” foi apresentado no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro ([www.museuencantador.com](http://www.museuencantador.com)).

#### **Referências:**

BIFO, Franco Berardi. “Cognitarian Subjetivation”, Revista e-flux journal #20, Novembro de 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*, Vol.2, São Paulo: Editora 34 (edição brasileira), 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - Capitalismo e esquizofrenia*, Vol.5, São Paulo: Editora 34 (edição brasileira), 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti Édipo - Capitalismo e esquizofrenia*, Lisboa: Assírio & Alvim, 1966.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Declaração - Isto não é um manifesto*, São Paulo: N-1 Edições, 2014.

LAZZARATO, Maurizio. *Puissances de l'invention*, Paris: Les empêcheurs de penser en rond, 2002.

LAZZARATO, Maurizio. *Signos, máquinas, subjetividades*, São Paulo: Edições N-1, 2014.

LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*, Trad. Leonora Corsini, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PESSANHA, Juliano Garcia. *Instabilidade Perpétua*, São Paulo, 2009, Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), PUC-SP.

TARDE, Gabriel. *Lois de l'imitation*, Paris: Ink Book édition, 2013.

TARDE, Gabriel. *As leis da imitação*, Porto: RÉS-Editora, 1980.

TARDE, Gabriel. *Monadologie et sociologie*, Paris: Les empêcheurs de penser en rond, 1999.

TARDE, Gabriel. *Monadologia e sociologia*, organização e introdução de Eduardo Viana Vargas, São Paulo: Cosac Naify, 2007.

TARDE, Gabriel. *Psychologie Économique*, 1902, version numérique, Collection “Les classiques des sciences sociales”, Disponível em: <<http://classiques.uqac.ca/>>.